

O Corcunda de Notre Dame (1831): A representação do hermetismo e a influência da Revolução de 1830 na obra de Victor Hugo

The Hunchback of Notre Dame (1831): The representation of hermeticism and the influence of the 1830 Revolution in Victor Hugo's work

Larissa Aparecida Ramos¹, Centro Universitário do Sagrado Coração

Resumo

Este artigo visa, por meio do romance *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo, publicado em 1831, analisar como o autor projeta as práticas herméticas tão recorrentes do Renascimento dos séculos XV e XVI em seu romance, assim como também pensará de que forma a ação desses personagens, primordialmente as de Claude Frollo, representam alguma alegoria sobre o anticlericalismo envolto nas revoluções do século XIX, especificamente a de 1830, conforme a interpretação de Jorge Bastos (2013). Logo, o objetivo deste trabalho refere-se à maneira com que a visualização desse cenário por Victor Hugo se projetou na literatura e em seus personagens, do mesmo modo que relata a contribuição da pesquisa para a ampliação dos estudos sobre a temática, gerando ainda mais discussões acerca das intersecções entre história e literatura.

Palavras-chave: Notre Dame de Paris; Victor Hugo; Hermetismo; História.

Abstract

This article aims, through the novel *Notre Dame de Paris* by Victor Hugo, published in 1831, to analyze how the author projects the hermetic practices so recurrent of the Renaissance of the XV and XVI centuries in his novel, as well as, think in which way the actions of these characters, especially those of Claude Frollo, represent some allegory about the anticlericalism involved in the revolutions of the XIX century, specifically the one of 1830, according to the interpretation of Jorge Bastos (2013). Therefore, the objective of this work refers to the way in which the visualization of this scenario by Victor Hugo was projected in literature and its characters, as well as, the contribution of this research to the expansion of studies on the subject, generating further discussions about the intersections between history and literature.

Keywords: Notre Dame de Paris; Victor Hugo; Hermeticism; History.

“É claro que deve haver magia no mundo”, ele disse com sabedoria um dia, “mas as pessoas não sabem o que é ou como fazer. Talvez para começar, basta repetir que as coisas boas vão acontecer, até fazê-las acontecer”. [...] (Francis Burnett, *O Jardim Secreto*, 2021, p. 221)

“Tinha a impressão de ter descoberto o segredo da fabricação de si. Tornara-se alquimista. Poderia, escrevendo, utilizando todas aquelas imagens que sentia acumuladas em si, entrar na vida rapidamente”. [...] (Max Gallo, *Victor Hugo: Eu sou uma força que avança!* Tomo I: 1802-1843, 2006, p. 95).

¹ Graduanda do 4º ano de História do Centro Universitário do Sagrado Coração, Bauru/SP. Artigo realizado sob a orientação dos professores Drs. Roger Gomes e Lourdes Feitosa.

Introdução

Publicado com o título de *Notre Dame de Paris*, em 1831, pelo romancista Victor Hugo (1802-1885), raros são aqueles que não preferem o título *O Corcunda de Notre-Dame*, da belíssima animação da Disney, realizada em 1996. E, quem sabe, inconscientemente, também não aderem ao final feliz como no desenho, afinal, se considerarmos a obra em que foi inspirado, algumas coisas não ocorrem da mesma maneira. De qualquer forma, ora nas telas infantis, ora nas páginas literárias, uma coisa é certa: o destaque ao personagem Claude Frolo, que, como arqui-diácono de Notre Dame, acaba por dividir-se entre o hermetismo e um amor doentio e possessivo pela cigana Esmeralda.

Esse primeiro item refere-se historicamente a uma crença baseada em um conjunto de textos dos séculos II e III d.C., os quais foram escritos por vários autores, combinando elementos cristãos e pagãos, e também fortemente influenciados pelas filosofias grega, estoica, neoplatônica, persa e hebraica. Para Binswanger (2011), a *alquimia*² – a maneira pela qual se coloca em prática os conhecimentos herméticos – tem como sua origem o Egito, território onde o ouro foi extraído pela primeira vez há aproximadamente 5 mil anos. Acreditava-se que ele possuía natureza divina e que, portanto, sua produção envolvia uma atividade sagrada, sendo esta realizada pelos alquimistas utilizando um instrumento denominado *pedra filosofal*³.

Vale destacar que, na época da Renascença (séculos XV e XVI), quando esses textos foram redescobertos e traduzidos, acreditava-se que haviam sido escritos por Hermes Trimegistro “Três Vezes Grande”, identificado no período como Hermes, Mercúrio ou Tote, deus egípcio do conhecimento, da escrita, da música e da magia. Gilbert Durand, em *Ciência do Homem e Tradição*, atribui três grandes temas ao mito de Hermes, são eles: 1) “O poder do pequeno”; 2) “O mediador”; e 3) “o Seelenführer, o psicagogo, iniciador e civilizador” (DURAND, 1999, p. 177 *apud* VIEIRA, 2016 p.41). Ainda segundo Vieira (2016), tendo como referência Festugière (*apud* REALE, 2008), os escritos de Hermes podem ser divididos em duas classificações: a primeira refere-se ao “hermetismo popular”, tendo como foco as “ciências ocultas”, tais como a alquimia; a segunda tem como base os textos de cunho mais teológico e filosófico, caracterizado como “hermetismo douto”.

Já com relação à própria obra *Notre Dame de Paris*, na 6ª edição impressa pela editora

² O termo *alquimia* deriva da palavra *chem*, que denota a terra preta do Egito. Algumas das explicações da criação desse conceito denotam ora à arte egípcia, ora a cor preta da pupila dos olhos dos egípcios da época. Na *Encyclopaedia universalis*, ela é definida como aquela que proporciona ao homem a possibilidade de superar os limites do próprio tempo, por isso a importância da simbologia do ouro, já que ele não se deteriora com o passar das eras. (BINSWANGER, 2011).

³ “A pedra filosofal não é, portanto, a substância da qual o ouro é feito, mas o aditivo essencial, o fermento ou catalisador que efetua a transmutação [...] de metal comum em precioso”. (BINSWANGER, 2011, p. 55).

Zahar, Jorge Bastos, responsável pela tradução, apresentação e notas, realiza um breve comentário sobre como o hermetismo é trazido por Victor Hugo em seu escrito, bem como a sua influência fisicista em boa parte da trama, que vai desde o nome dos personagens principais, como o da própria cigana Esmeralda, até o desenvolvimento do romance. Outros aspectos também são ressaltados pelo tradutor, como o contexto em que a obra fora escrita e suas possíveis influências na realização desta. Diz Bastos (2013),

Dentre os aspectos de rigor científico e erudição do romance, chamam atenção as referências arquitetônicas, e mais ainda, as alquímicas, que vão além do simples colorido e pitoresco e guiam toda a trama, marcada pela fatalidade. É visível o fascínio do escritor pela visão de mundo fisicista, como o “hermetismo” transparecendo em tiradas humorísticas resultantes dessa lógica organizadora do universo, [...] até no nome da heroína, que pode remeter à tábua de esmeralda – resumo do *Corpus hermeticum*, conjunto de textos sagrados com ensinamentos sobre artes, ciência, religião e filosofia, datado do início da era cristã e atribuído ao deus egípcio da escrita e magia, Hermes Trimegisto. E são muitas as projeções do autor no personagem do arqui-diácono Frollo – e em menor escala, no poeta Gringoire –, bem como várias outras intenções suas que se inscrevem nas linhas do romance, por influência da Revolução de 1830, que tornou a trama mais “revolucionária” em sobretudo, anticlerical (BASTOS, 2013, p. 15-16).

Dessa forma, as referências herméticas contidas no romance podem revelar, para além de uma admiração do autor pela “visão de mundo fisicista”, uma tentativa de representação do próprio contexto histórico em que estava inserido, fazendo com que, por influência, primordialmente, da Revolução de 1830, a narrativa adquira as características contidas nas reivindicações, como a exemplo do anticlericalismo.

Referente aos próprios personagens da trama, destaca-se, como já apontado anteriormente, o arqui-diácono Claude Frollo e suas várias menções, práticas, estudos e diálogos com relação às práticas alquímicas. Até em outros personagens, como o poeta Gringoire, somente pelo ato de pensar no hermetismo e em Nicolas Flamel⁴, por exemplo, a lembrança de Frollo aparece subitamente a seu espírito. Isso porque, após ter “desanimado com as inclinações humanas” (HUGO, 2013, p.172), Frollo lançou-se exageradamente aos estudos da ciência e humanidades, “sentindo-se então forçado, a menos que fosse impedido *ubi defuit orbis*, a seguir adiante e buscar outros alimentos para a insaciável atividade de sua inteligência”. (HUGO, 2013, p.172)

Ademais, a realização deste trabalho se mostra importante, em particular, por três

⁴ Nicolas Flamel, que viveu no século XIV, é uma referência da história da alquimia. Reza a lenda que teria fabricado a pedra filosofal e o elixir da longa vida. (Notas do tradutor).

fatores: o primeiro diz respeito à importância do estudo das intersecções entre História e Literatura, ainda mais se tratando de clássicos literários como *Notre-Dame de Paris*, realizado por um escritor tão engajado politicamente como fora Victor Hugo. Para Freitas (1986, p. 119), “[...] sua obra é, ao mesmo tempo, a História das revoluções – e das evoluções – políticas e literárias da França no século XIX, a tal ponto que é impossível referir-se a essa história sem pronunciar seu nome”. Ainda em relação a isso, vale-se do que o escritor, crítico e tradutor John Sturrock apresenta no prefácio da 1ª edição de 2018 de *O Corcunda de Notre Dame*, pela Editora Penguin. Diz ele,

O corcunda de Notre-Dame, desnecessário dizer, é um romance histórico: a ação se passa em 1482, ano anterior à morte de Luís XI da França. Mas de que tipo de romance histórico se trata? Sob diversos aspectos, é espantosamente moderno, pois a história que contém é assimilada com mais facilidade pela historiografia contemporânea do que pela historiografia da época de Hugo. Ao contrário da maioria dos romances históricos, inclusive os mais modernos, O corcunda de Notre-Dame tem pouco a ver com os acontecimentos mais ruidosos da história documentada, com batalhas, tratados e rixas de dinastias. Aliás, Hugo vai logo nos dizendo, já na segunda frase do romance, que o dia do passado ao qual somos transportados — e ele a data, 6 de janeiro de 1482 — “não é um dia do qual a história tenha guardado lembrança”. Como romancista, portanto, Hugo não pretende competir com historiadores na interpretação dos grandes acontecimentos ou da possível motivação de figuras históricas; está interessado no que a França ultimamente passou a chamar de “história das mentalidades”, ou o estado de espírito da população em determinado momento histórico (STURROCK, 2018, p. 28).

Segundo Borges (2010), a relação entre essas duas disciplinas mostra-se a partir do momento em que o historiador utiliza, por meio da história cultural, a literatura como fonte documental capaz de expressar sentimentos e relações de força inseridos no contexto de quem a escreve. Seu diálogo com a realidade também pode visar a aceitação do autor sobre um fato que está ocorrendo, ou uma proposta implícita, ou explícita de outra maneira de se realizar aquele feito. A expressão literária, para além de demonstrar a historicidade das experiências por meio de um produto sociocultural, insere-se como fonte histórica de dimensões, registros e provas da experiência social.

O segundo fator diz respeito a maneira com que o hermetismo e a alquimia são frequentemente citados na obra, fazendo com que haja a possibilidade de ser um assunto de relevância no período, ou até mesmo de ser usado como uma crítica social pelo autor, assim como salienta Bastos (2013). Continua Sturrock (2018, p. 30), “a história [...] é difusa, revelada em atitudes e tendências representativas: a superstição do populacho, a hierarquia dos movimentos sem lei, [...] revelada também no cenário, [...] instituições e ritos”.

Em uma das mais importantes instituições francesas do período, a Igreja Católica, o leitor se depara com o arqui-diácono de Notre-Dame que, por vezes, dá voltas em torno das ruas de Paris em busca do esconderijo da suposta pedra filosofal; ou, em seus estudos, busca maneiras de transformar metal em ouro com a energia solar. Ademais, o terceiro e último fator tem relação com a ausência de escritos sobre a temática, que mesmo notada por alguns escritores ou tradutores, é deixada de lado quando se pesquisa sobre outros assuntos que envolvem a obra, tais como a análise da deficiência na Idade Média, protagonizada pelo Quasímodo, a discussão quanto ao patrimônio arquitetônico e as releituras do filme realizado pela Walt Disney.

Por fim, segundo Lilia Schwarcz (2013), tendo como base as reflexões de Carlo Ginzburg (2000) sobre o conceito de “jaulas flexíveis” e as possíveis interpretações entre autor, contexto e produto, a própria obra não deve ser deixada de lado quando se analisa de maneira crítica seu desenvolvimento e onde e como fora realizado. De acordo com Jean Starobinski (s.d, p.133), “o objeto da minha atenção não está em mim; ele opõe-se a mim, e o meu melhor interesse não consiste em apropriá-lo [...], mas deixá-lo afirmar todas as suas propriedades, todas as suas determinações particulares”.

Em *O fio tênue da ficção*, Alan Pauls⁵ ao discutir a insubstancialização em Virginia Woolf, apresenta a crítica da escritora à própria noção de realidade, que, através de sua banalização e desequilíbrio, também possui maneiras condizentes de inserir-se no presente. Segundo ele, citando Woolf (1919), “a insubstancialização não é, assim, uma síndrome da falta de realidade, mas uma estratégia [...] É evidenciar até que ponto o que reconhecemos como realidade não pode ser muito mais do que um jogo de aparências ou de álibis [...]” (PAULS, 2017, p. 13). Assim sendo, a escolha de Victor Hugo de tratar de problemas de sua época por meio de um cenário fictício do século XV pode se tornar um exemplo da dimensão crítica citada anteriormente, onde a decisão literária destrói a realidade imaginária e apresenta-lhe o real por meio de sua própria negação e ressignificação.

Após essa breve exposição, observa-se duas questões fundamentais na obra de Victor Hugo: o destaque ao hermetismo e às temáticas voltadas à astrologia e alquimia; e o engajamento do próprio autor na política do século XIX, que utilizava de sua narrativa para expressar sua opinião política. Sobre isso, é de se lembrar das palavras de Maria Teresa de Freitas (1986, p. 130), que, ao tratar das obras do autor, se refere a ele como o “germe da

⁵ Texto presente no prefácio da 1ª edição de *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf, publicado pela Companhia das Letras em 2017. Tradução realizada por Claudio Alves Marcondes.

Literatura de combate do século XX francês”.

Logo, este artigo discute como o autor projeta as práticas tão recorrentes do Renascimento dos séculos XV e XVI em seu romance, assim como também pensa de que forma a ação desses personagens, em especial de Claude Frollo, representam alguma alegoria sobre as questões políticas de seu tempo, em específico com relação às primeiras décadas do século XIX e Revolução de 1830, como interpreta Bastos (2013) na introdução de *Notre Dame de Paris*, na 6ª edição impressa pela editora Zahar.

O contexto francês dos séculos XVIII e XIX

Muitos foram os acontecimentos que abalaram o cenário francês anteriores à escrita da obra *Notre Dame de Paris*, e que também foram visualizados por Victor-Marie Hugo, nascido em 1802, na cidade de Besançon. Para uma melhor visualização do cenário, será realizado de forma breve um panorama histórico desde a Revolução de 1789 até a Revolução de 1830, em particular direcionado à relação entre Estado francês e a religião católica, de modo a compreender de que forma a laicização e/ou o anticlericalismo envolveram-se nesses processos.

Segundo Valentine Zuber (2010), o catolicismo foi a única religião oficial e autorizada do Estado francês desde 1685 até a Revolução ocorrida em 1789. Para além do catolicismo romano enquadrar todos os aspectos individuais da vida dos franceses, os reis assumiam-se como sagrados e chefes da religião. Entretanto, com a Revolução Francesa, “um princípio maior devia dominar a vida política: o exercício do poder era o fruto de um pacto racional entre os homens [...] e a soberania emanava do povo e a ele pertencia” (2010, n.p). Assim, com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789, e a Constituição Civil do Clero de 1790, houve o início de uma política de laicização das instituições, sendo ela consagrada de fato com o decreto do 3 do Ventoso do ano III, definindo a separação da Igreja Católica com relação ao Estado, embora essa separação não significasse a separação da ideia religiosa do Estado. O estado laico só é introduzido na França em 1905.⁶

Chartier (2009), aliás, demonstra que mesmo antes da Revolução já era possível visualizar alguns focos de diminuição do cristianismo em uma parte significativa do território francês. Ao questionar-se “[...] seria a França do Antigo Regime uma terra verdadeiramente

⁶ A lei de separação pôs fim unilateralmente à Concordata napoleônica de 1801 que regia as relações entre o governo e a Igreja Católica. A nova lei proclamava a liberdade de consciência e garantia o livre exercício dos cultos: Artigo 1º - A República assegura a liberdade de consciência. Ela garante o livre exercício dos cultos; Artigo 2º - A República não reconhece nem assalaria nem subvenciona qualquer culto. Ver mais em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/25894/hoje-na-historia-1905-franca-adota-lei-de-separacao-entre-igreja-e-estado>.

cristã? [...]” (2009, p. 149), o autor alerta que a busca pela definição do cristianismo não deve ser tarefa do historiador, mas cabe a ele a utilização dos conceitos de cristianização e descristianização. Em busca de movimentos ou ações anticlericais, anti-institucionais e laicizantes, ele aponta para a decadência da contrarreforma católica romana do século XVII, o aumento das indiferenças quanto aos ritos religiosos e a descrença em ideais como o do purgatório, por exemplo.

“Se havia uma religião florescente entre a elite do final do século XVIII, esta era a maçonaria racionalista, iluminista e anticlerical”, assim Hobsbawm (2015, p. 221) inicia sua análise quanto à secularização de algumas regiões da Europa entre os séculos XVII e XVIII. Segundo o autor, o ateísmo ou a descristianização, difundidos primeiro entre os eruditos e depois disseminado entre as classes médias burguesas, em destaque nas gerações pós-revolucionárias na França, demonstram uma certa recessão da ideologia religiosa, tendo como principal influência as transformações determinadas pela Revolução de 1789, como linguagem, simbolismo e costumes não cristãos. Como também apresenta Dawson (2014, p. 286), “[...] foi na própria França que o Iluminismo alcançou sua expressão máxima, difundindo-se daí para o restante da Europa”.

Assim, o triunfo burguês imbuiu a Revolução Francesa da ideologia moral-secular ou agnóstica do Iluminismo do século XVIII, e desde que o idioma daquela revolução se transformou na linguagem geral de todos os movimentos sociais revolucionários subsequentes, também lhes transmitiu esse secularismo. (HOBSBAWM, 2015, p. 222).

Por outro lado, de acordo com Lynn Hunt (1991), os efeitos da Revolução com relação ao catolicismo ultrapassaram o poder público e, na vida privada, “foi o campo das mais aceras lutas”. Se de um lado as questões religiosas permaneciam sobre a tolerância religiosa universal, os confiscos dos bens eclesiásticos e a Constituição Civil acabaram por ceder o controle de intervenção ao Estado. Ainda assim, “mesmo que muitos deles desejassem uma reforma, os católicos não aceitaram irrestritamente o controle do Estado. Foi a primeira vez que indivíduos privados [...] assumiram um papel público para defender sua igreja e seus ritos” (1991, p. 34).

Em 1801, com a tomada de poder de Napoleão Bonaparte, há um certo recuo dessa laicidade em benefício à pluralidade religiosa no chamado “regime de cultos reconhecidos”, também expresso no reconhecimento de Bonaparte ao catolicismo romano, mesmo não se submetendo a ele. Já na Restauração (1815-1830), o catolicismo foi novamente qualificado como religião do Estado e, como exemplo dessa política de aproximação entre Estado e Igreja, o divórcio, permitido em 1792, volta a ser proibido em 1825. Com o Reinado de Luís XVIII

(1815-1824), mesmo com o consentimento de uma constituição estabelecendo a igualdade jurídica, e um governo parlamentar, não houve o distanciamento de um poder absoluto (SANTANA; STANCIK, 2001), resultando ora em uma instabilidade política e econômica, ora na divergência entre três grupos: os ultrarrealistas, os bonapartistas e os radicais.

Após sua morte, com a sucessão de Carlos X (1824-1830), observa-se, para além de uma tendência antiliberal, conjunto à indenização dos nobres e o retorno do clero à sua exclusividade no magistério, um contexto de depressão econômica profunda, acompanhada pela restrição dos direitos civis pelo rei. Diante disso, observa-se a reação popular, que nos dias 27, 28 e 29 de julho compôs as Jornadas Gloriosas, uma reação burguesa⁷ com o apoio das camadas populares contra a própria monarquia francesa.

Sucederam-se três dias de enfrentamentos entre os revolucionários e as forças fiéis ao rei. Em 27 de julho de 1830, toda a região central de Paris foi tomada pelas barricadas, erguidas na cidade em número maior que em qualquer outra época. No dia seguinte, as tropas de Carlos X foram repelidas ao tentarem conter os revolucionários. Em 29 de julho, a capital foi tomada, chegando os revoltosos ao palácio das Tulherias, residência do rei, o qual se viu obrigado a abdicar ao trono, fugindo para a Inglaterra, onde permaneceria até sua morte, ocorrida em 1836. (SANTANA; STANCIK, 2001, p. 13).

No entanto, há de se destacar que, para além do contexto francês, as “ondas revolucionárias”⁸, caracterizadas pelo historiador Eric J. Hobsbawm, eram fenômenos globais, podendo ser inseridos em três principais ondas do mundo ocidental, ocorridas entre 1815 a 1848. Inserida na segunda onda, que durou entre 1829 e 1834, a Revolução de Julho na França, iniciada com a derrubada dos Bourbon, marca definitivamente a derrota do poder aristocrático pelo burguês na Europa Ocidental. No entanto, ainda segundo o autor, “esses movimentos de oposição tinham pouco em comum além do seu ódio pelos regimes de 1815 e a tradicional frente comum de todos que se opunham, [...] à monarquia absoluta, à Igreja e à aristocracia”. (HOBSBAWM, 2015, p. 253).

Quanto à Igreja, antes mesmo das chamadas Jornadas Gloriosas, observou-se, de acordo com Mary S. Hartman (1972, p. 21-37), a importância da criação dos mitos para a movimentação da sociedade e sua percepção do real, e um deles, caracterizado como “the

⁷ Segundo Modesto Florenzano, o conceito de revolução burguesa define fenômenos históricos protagonizados pela burguesia, ou ainda aqueles dos quais ela foi beneficiada, tal como se pode observar no contexto histórico do nascimento do capitalismo, quando a sociedade feudal se transforma em burguesa. Isso, apesar de o autor considerar, tal qual o faz Christopher Hill, que a classe burguesa quase nunca foi verdadeiramente revolucionária, tendendo muito mais ao reformismo e se beneficiado dos resultados dos movimentos revolucionários em que esteve envolvida (FLORENZANO, 1998 *apud* SANTANA; STANCIK, 2001, p. 10).

⁸ Conceito atribuído ao historiador Eric J. Hobsbawm.

priestly plot” e/ou “the conspiracy of the Congregation”, produziu, nas palavras da autora, uma imensa explosão do anticlericalismo a partir de 1825, sendo este caracterizado na Restauração como uma oposição ao ultramontanismo⁹, aos jesuítas e à teocracia. Segundo ela, citando Cobban (1961), “anticlericalism, according to the English historian Alfred Cobban, was “the major current in a rising tide of hostility against Charles X and his government”¹⁰ (1972, p. 21).

O criador e a criatura: Victor Hugo, Claude Frollo e o romance *Notre Dame de Paris* (1831)

Vivendo em meio a esse cenário, os pais de Victor-Marie Hugo, Sophie Françoise Trébuchet e Joseph Léopold Sigisbert Hugo, não julgaram necessário batizá-lo, apesar de Joseph ainda ser um leitor do *Catecismo Revolucionário*. Em 1805, durante as celebrações da coroação de Napoleão Bonaparte como rei da Itália ou a comemoração advinda do sol nascente de Austerlitz, Victor, já com 3 anos, “ignorava as igrejas, desconhecia o odor dos incensos, o murmúrio das orações, os fiéis ajoelhados e as cabeças a se inclinarem”. (GALLO, 2006, p. 46).

Além disso, Sophie não gostava de padres¹¹. Segundo Victor Hugo, citado por Gallo (2006, p. 43), “ela acreditava em Deus e na alma; apenas isso. Acho não ter ouvido mais do que duas ou três vezes essa palavra: padres. Ela os evitava [...]”. Para ela, ele realizou os seguintes versos: “Mãe, o que este coração deve te desejar? Tesouros – honrarias? – tronos? – Não; minha fé”.

Dedicado às letras desde a infância, Victor chegou a concorrer, ainda adolescente, a um concurso de poesia da Academia Francesa de Letras, e também ajudou a fundar a *Le Conservateur*, onde teve duas odes premiadas. Reconhecido como um autor efervescente em 1830 com as obras *Odes e baladas*, *Cromwell* e *Marion de Lorme*, com apenas 28 anos, ele apresenta *Hernani*, considerado como marco fundador do romantismo na França. Estourada a Revolução de 1830, há uma mudança profunda na percepção social do autor que, antes “um bem-comportado e ambicioso frequentador da corte” (p. 10), escreve, citado por Bastos, “Minhas antigas convicções monarquista e católica de 1820 estão se desmanchando com a idade

⁹ Princípio político criado por Joseph de Maistre que defende a posição tradicional da Igreja católica italiana de sustentar a tese da infalibilidade do papa.

¹⁰ “Complô Sacerdotal”; “Conspiração da Congregação”; “O anticlericalismo, de acordo com o historiador inglês Alfred Cobban, foi “a principal corrente em uma crescente onda de hostilidade contra Carlos X e seu governo”. Tradução nossa.

¹¹ Coincidentemente ou não, Sophie nasceu em Besançon, na região do nordeste francês no French Comté, uma das regiões mais anticlericais da França durante o período revolucionário. Ver mais em: VOVELLE, Michel. *A Revolução Francesa Contra a Igreja: Da Razão ao Ser Supremo*, 2003.

e a experiência. [...] Recolho-me ainda às vezes, considerando-as com respeito, mas não rezo mais por elas”. Por fim, conclui Bastos (2013, p. 10): “O monarquista ultraconservador e católico da juventude, espelhando-se ainda em Chateaubriand, evoluiu até se tornar, na idade madura, o símbolo vivo de um republicanismo anticlerical”.

Mas antes de tornar-se esse símbolo vivo, ainda quando suas posições conservadoras se desfiguravam, Victor Hugo, em 1831, as transporta para seu romance *Notre Dame de Paris*, e é em Claude Frollo, o arqui-diácono julgado como bruxo ou aspirante ao hermetismo pela população parisiense do século XV, que será exalado o possível impacto do anticlericalismo em Hugo ainda na década de 1830, que, visto anteriormente, desde 1825 configurava-se entre a sociedade parisiense. Ressalta-se o impacto da própria Revolução de 1830 no autor, que, como resposta a Chateaubriand quanto ao apoio republicano de La Fayette a Luís-Filipe d’Orléans, diz: “Após Julho de 1830, precisamos da coisa republicana e da palavra monarquia”¹² (GALLO, 2015, p. 289).

“De fato, Claude Frollo não era um personagem banal” (HUGO, 2013, p. 157). Advindo da alta nobreza ou antiga burguesia, foi destinado desde pequeno à carreira religiosa. De caráter triste, sério e estudioso, pouco se envolvia nos tumultos ou zombarias que os outros alunos do colégio interno Torchi participavam. Tendo estudado teologia, decreto, medicina e artes, “aos dezoito anos, as quatro faculdades já haviam ficado para trás. Para o jovem [...] a vida parecia ter uma só finalidade: o saber” (2013, p. 159).

Foi no verão de 1466 que os rumos de sua vida mudaram drasticamente, quando, devido à grande peste que assolou o viscondado de Paris, seu pai e sua mãe acabaram mortos. Só restando seu irmão Jehan, ainda no berço, lançou-se aos seus cuidados ao mesmo tempo que intensamente à vocação clerical, declarado aos 20 anos como um dos mais jovens capelães de Notre Dame. “Do claustro, sua reputação de erudito chegou ao povo, transformando-se pouco a pouco, coisa tão frequente, em fama de bruxo” (2013, p. 161).

Quasímodo, o corcunda, aparece em sua vida como se fosse uma representação do seu irmão órfão, diante de um estrado das crianças abandonadas, hostilizado pelas velhas faladeiras. Tendo sua compaixão elevada diante da feiura daquela pobre criatura, batizou-o e lhe deu um

¹² Para celebrar a revolução, mesmo pedindo exílio em busca de evitar se incluir entre os que insultavam Charles X, Hugo escreve: “Estejamos orgulhosos; fizeram tanto quanto seus pais. / Os direitos de todo um povo conquistado por tantas guerras / Foram tirados vivos da mortalha. / Julho deu-lhes, para salvar suas famílias, / Três belos sóis que queimam as bastilhas; / Seus pais só tiveram um! / [...] Três dias, três noites no braseiro / Todo esse povo em chama, ardeu... / Ah! deixem-me chorar por essa *estipe morta* / Trazida pelo exílio e que o exílio e que o exílio carrega, / Vento fatal que já três vezes os levou! / Pelo menos acompanhem os velhos reis de nosso país. / Homenageia, estandarte de *Fleurus*, com honras militares / A auriflama que se vai”. Excerto retirado da biografia de Victor Hugo “Eu sou uma força que avança!”, por Max Gallo, 2006, p. 290. Tradução realizada pelo autor.

nome, Quasímodo, fazendo com que ele se tornasse tanto o carrilhador de Notre Dame, como morador e conteúdo natural daquele templo. Deve-se destacar, no entanto, que aos quatorze anos, o mesmo acabou ficando surdo porque um dos sinos arreventou-lhe o tímpano, fazendo com que “a única porta para o mundo que a natureza havia lhe deixado aberta bruscamente [tenha se fechado] para sempre” (2013, p. 163).

No entanto, para além das adversidades ou até mesmo por conta delas, uma das características fundamentais do arqui-diácono de Notre Dame refere-se ao seu diálogo com o hermetismo. Ávido pelo saber, sentando-se à mesa misteriosa dos alquimistas, astrólogos e herméticos desde que finalizou seus demais estudos, Frollo não se limitou à teoria. Ora visitando túmulos como o de Claude Pernelle¹³, ora revirando os destroços da antiga casa de Nicolas Flamel ou calculando a fachada da Catedral em busca da pedra filosofal, não havia quem não o conhecesse por isso. Sua fidelidade era tamanha que, mesmo com a inesperada visita do rei Luís XI em busca de conhecimento sobre sua saúde com base na medicina e na astrologia, o arqui-diácono se nega a ajudar, pois não acreditava em ambos, apenas na alquimia.

Ao se referir a ela, exclama:

E estudei eu medicina, astrologia e hermética. Apenas aqui se encontra a verdade – [...] Apenas aqui se encontra a luz! Hipócrates é sonho, Urania é sonho, Hermes é um pensamento. O ouro é sol, fabricar ouro é como ser Deus. É esta a única ciência. Sondei a medicina e a astrologia, já disse. Vazias, vazias. O corpo humano é igual às trevas; os astros são iguais às trevas! [...] (HUGO, 2013, p. 185).

É fato que “devemos dizer todavia que as ciências do Egito, a necromancia, a magia – inclusive a mais branca e mais inocente – não tinham inimigo mais encarniçado nem mais impiedoso, perante os srs. inquisidores de Notre Dame” (HUGO, 2013, p. 174). No entanto, não se haviam encontrado provas concretas de feitiçaria em Frollo, já que as manipulava e estudava fechado em sua torre, ao lado da gaiola de sinos. Era notável, no entanto, que os coroinhas fugiam se o encontrassem na Igreja; que Quasímodo se passasse pelo seu demônio ou seu servo; e que ambos eram caracterizados como “Claude e o claudicante!”.

Por fim, em sua questão moral, uma peculiaridade chama atenção: a severidade quanto às mulheres. Ele sempre se afastou delas, mas naquele período específico passou a odiá-las como nunca, excepcionalmente as egípcias, a ponto de solicitar por meio de um édito ao bispo que fosse proibido suas danças na praça du Parvis¹⁴. Conta-se que até com relação à senhora de

¹³ Esposa de Nicolas Flamel, mais conhecida como Dama Pernelle.

¹⁴ Praça à frente da catedral de Notre Dame.

Beaujeu, filha do rei, que desejou visitar Notre Dame em 1481, ele se opôs gravemente e, sendo contrariado pelo bispo, recusou-se a aparecer diante dela. No entanto, só uma mulher conseguiu fazer com que este voltasse seus olhos a ela. A cigana Esmeralda¹⁵.

Madrinha! – exclamou Bérangère, cujos olhos sempre em movimento tinham bruscamente se dirigido ao alto das torres de Notre Dame. – O que é aquele homem escuro lá em cima? / Todas as jovens ergueram os olhos. [...] Era um padre. [...] Tinha o olhar fixo na praça – algo da imobilidade de um falcão que acaba de descobrir um ninho de pardais e o espreita. / É o sr. arqui-diácono de Josas – disse Flor de Lys. / [...] Como ele olha para a pequena dançarina! – notou Diane de Christeuil. / A egípcia que se cuida – disse Fleur-de-Lys. – Pois ele não aprecia o Egito. (HUGO, 2013, p. 249).

Depois de observá-la pela primeira vez e ser destacado por um grupo de jovens que também a assistia, Frollo se lança à procura de informações sobre a cigana. Por meio de informações recolhidas do poeta Gringoire, que havia conhecido Esmeralda uns dias antes, o padre descobre que ela a possuía sentimentos por um militar chamado Phoebus, e isso começa a atormentá-lo de maneira profunda, o que é até mesmo percebido por seu irmão Jehan, que um dia entra em seu aposento escondido. Em meio aos utensílios de alquimia e palavras de costume hermético escritas nas paredes, estava Frollo debruçado sobre os ensinamentos do Código de Manu¹⁶, exclamando: “Não são sonhos, é a lei geral da natureza. Mas o que fazer para levar à ciência o segredo dessa lei geral? Como? Essa luz que inunda minha mão é ouro!” (HUGO, 2013, p. 273).

E continua: “Mas como extraí-lo? Magistri afirma que certos nomes de mulher têm encanto tão suave e misterioso que basta pronunciá-los durante a operação. [...] O sábio tem razão, é verdade, Maria, Sofia, Esmeralda... Maldição! Ainda esse pensamento!” (HUGO, 2013, p. 273-274). No entanto, ao perceber a presença de seu irmão Jehan, logo seus pensamentos foram contidos, ainda mais quando teve que escondê-lo porque recebeu a visita de mestre Jacques, que com ele dialogou sobre o processo inquisitório do mágico Marc Cenaine, pois lhe interessava saber se alguma fala ou item encontrado na casa desse sujeito poderia contribuir para suas tentativas alquímicas.

E na casa dele, nada encontrou de novo? – [questionou Dom Claude]. / Encontrei – disse mestre Jacques, [...] esse pergaminho. Constam palavras que

¹⁵ Segundo Bastos (2013, p. 16) o nome da heroína pode remeter à tabua de esmeralda – resumo do *Corpus hermeticum*. Acreditava-se também que os ciganos eram originários do Egito, o que explica uma parte do diálogo dos jovens citados.

¹⁶ Legislação mais antiga da Índia, fundada pelo profeta persa Zoroastro ou Zaratustra no século XVII a.C. (Nota do Tradutor).

não compreendemos. / Deixe-me ver – disse o arqui-diácono [...] É uma fórmula contra mordidas de cães com raiva. Mestre Jacques! O senhor é procurador do rei no tribunal da Igreja, esse pergaminho é abominável. / Temos então com que confrontar o suspeito. Mas há também isso, que encontramos na casa de Marc Cenaine. / Ah! – disse o arqui-diácono. Um cadinho de alquimia. (HUGO, 2013, p. 282).

Apesar desse pequeno contratempo, sua obsessão por Esmeralda não cessa, e Frollo acaba por conseguir informações sobre um possível encontro da cigana com Phoebus, oferecendo dinheiro a ele para poder assisti-los secretamente. No entanto, não suportando tal visão, Frollo acaba por tentar assassinar Phoebus e, fugindo logo depois, faz com que Esmeralda seja incriminada pelo seu ato quando eles são avistados pelos soldados da vigilância, que imediatamente concluem, “é uma feiticeira, apunhalou um capitão” (HUGO, 2013, p. 304). Algumas horas depois, já há um murmurinho entre a população parisiense nas portas do Palácio da Justiça, “o que está havendo? – perguntou [Gringorie] a um que saiu de lá. / Não sei muito bem – ele respondeu – Dizem que está sendo julgada uma mulher que assassinou um militar. Como parece haver feitiçaria envolvida, o bispo e o Santo Ofício intervieram no caso [...]” (HUGO, 2013, p. 306).

Após negar veemente o crime pelo qual era acusada, Esmeralda é levada para a chamada câmara da questão¹⁷, onde foi iniciada sua tortura por um instrumento chamado borzeguim¹⁸. Com tamanha dor e terror, em pouco tempo ela tende a confessar o crime que não cometeu, e logo depois é condenada à morte pelo Tribunal, que novamente se reúne para finalizar seu julgamento. Frollo, pelo que lhe concerne, acompanhou todo o processo pessoalmente e, após seu término, foi até a cela da condenada, iniciando a primeira de suas muitas tentativas de convencê-la a ficar com ele.

De início, não o reconhecendo como o espectro que apareceu por trás de Phoebus aquela noite, a jovem o tratou como um padre comum, revelando seus medos e tormentos, mas, depois que Frollo ergueu o capuz, “a aparição, sempre tão fatal e que a tinha levado de desgraça em desgraça até o suplício, tirou-a do torpor, desfazendo a espécie de véu que cobria a sua memória [...] – Ah! – ela exclamou, tapando os olhos com um tremor convulsivo. – É o padre! (HUGO, 2013, p. 325).

Ela murmurou: Termine! Termine! Dê o golpe fatal! [...] / É só horror o que lhe causo? - ele insistiu. [...] / Sim - disse ela -, o carrasco zomba do condenado. Há meses me persegue, me ameaça, me apavora! [...] Quem é o

¹⁷ Local onde se realizava as torturas dos acusados pelo Santo Ofício.

¹⁸ Leito de couro de borzeguim, instrumento de tortura utilizado na França até 1780, com pranchas de madeira que esmagavam as pernas do suplicado, a começar pelo pé. (Nota do Tradutor).

senhor? Que mal lhe fiz?! Odeia-me a tal ponto? [...] ? / Amo-a! - exclamou o padre. / [...] / Você ouviu, amo-a! - ele gritou. / Ouça - disse o padre com estranha calma, subitamente recuperada. Vai saber de tudo. Vou contar coisas que, até o momento, mal confessei a mim mesmo, [...] Ouça. Antes de encontrá-la, eu era feliz. [...] Sabia perfeitamente quem era você, egípcia, boêmia, cigana, zingara; como estranhar a magia? Ouça. Esperei que um processo me livrasse do feitiço. Uma bruxa encantou Bruno d'Ast, ele mandou queimá-la e isso o curou. Eu sabia. Quis provar o remédio. Tentei primeiro que a impedissem de vir ao adro de Notre Dame, esperando esquecê-la se não a visse mais. Você não levou isso em consideração. Voltou. Imaginei então um sequestro. Certa noite, passei à ação. Éramos dois. Já a havíamos dominado, quando aquele miserável oficial surgiu. Libertou-a. Foi como começou a sua desgraça, a minha e a dele. Finalmente, sem saber mais o que fazer, denunciei-a ao Santo Ofício. Achei que isso me curaria, como curou Bruno d'Ast. Ao mesmo tempo, achei também que, de alguma forma, o processo a traria a mim, que na prisão eu a teria, sem que pudesse escapar. Poderia possuí-la, já que há tanto tempo me possuía. Quando se faz o mal, deve-se ir a fundo. É demência parar no meio do caminho da monstruosidade! O crime extremo proporciona delírios de alegria. (HUGO, 2013, p. 325-329).

A partir desse trecho, o que o leitor de Victor Hugo observa não é mais um padre apenas ligado a algumas práticas julgadas errôneas pela Igreja, como as herméticas, mas também o seu próprio desrespeito e a tentativa de manipulação do sistema pelo qual ele trabalha e do qual é devoto. Vale destacar, como citado anteriormente, suas outras fracassadas tentativas de fazer com que Esmeralda pudesse ser salva apenas se ficasse com ele, e de que quando a mesma ameaçou denunciá-lo, ele descaradamente riu e disse que, além de ser desacreditada, isso só acrescentaria escândalo ao seu crime. As práticas alquímicas, antes tão importantes para seu dia a dia, a partir desse momento são substituídas pela perseguição incessante à jovem.

Após esta breve exposição de alguns episódios importantes do romance para a questão discutida neste trabalho, são desenvolvidos, por fim, alguns dos resultados que podem ser obtidos por meio das relações entre as temáticas estabelecidas, sendo elas: o contexto parisiense do início do século XVIII (com destaque à Revolução de 1830); o anticlericalismo; e, por último, a influência desses movimentos na obra *Notre Dame de Paris*, visando discutir com mais profundidade as considerações expostas por Bastos (2013).¹⁹

Considerações finais

De início, deve-se destacar a falta de fontes históricas, literárias e biográficas que ligam diretamente o uso da alquimia como crítica anticlerical na obra de Victor Hugo, com exceção da interpretação apresentada por Bastos (2013). Assim, o objetivo desse artigo foi destacar sua

¹⁹ Ver citação destacado na Introdução deste trabalho, em que o autor defende possíveis traços anticlericais influenciados pela Revolução de 1830 como desencadeantes para a produção do personagem Claude Frollo.

interpretação e também analisá-la de um ponto de vista histórico, ampliando-a a fim de que novas pesquisas com relação à temática sejam realizadas. Para além de ter influência de sua época, o próprio autor, segundo Gallo (2006, p. 297), transmitia alguns de seus traços particulares a seus personagens,

Enfiara-se neste romance como nunca antes em qualquer outro de seus escritos. Sentia-se, ele próprio, o grão-diácono Claude Frollo, dilacerado entre o desejo e a virtude. Tinha, às vezes, a alma do sineiro Quasímodo, ou a soberba do capitão Phoebus de Chateapers. Como todos, também amara a cigana Esmeralda. Ela nascera de suas lembranças de infância e adolescência. Dos seus sonhos, também. [...]

Como bem mostrado por meio da discussão sobre os acontecimentos dos séculos XVII e XVIII franceses, o anticlericalismo e o laicismo estiveram, de fato, segundo Hobsbawm (2015) e Mary S. Hartman (1972), presentes nas reivindicações, sendo manifestos tanto entre os eruditos, como também nas classes médias. O autor, como atuante e “germe da literatura de combate” para Freitas (1986), conforme as fontes analisadas, ainda não demonstrava de forma explícita os ideais que defenderia posteriormente em uma idade madura, como afirma Gallo (2006).

As referências herméticas contidas no romance, com destaque as atitudes do arquidiácono Claude Frollo como alusão ao anticlericalismo presente na Revolução de 1830, são, de fato, notáveis. Do fascínio à perseguição incessante e violenta à Esmeralda; da busca a elementos considerados proibidos pela Igreja Católica à corrupção moral e espiritual.

Dessa maneira, é possível concluir que de fato há um contexto histórico favorável que pode contribuir com a tese de Bastos (2013), com relação à utilização do hermetismo como possível crítica anticlerical advinda de Victor Hugo. No entanto, esses ainda são os primeiros resultados de pesquisas sobre esse tema e, por isso, devem ser aprofundados para que haja mais informações que possam auxiliar ainda mais com essa afirmação, ou também questioná-la, se necessário.

Fonte utilizada

HUGO, Victor. **O Corcunda de Notre Dame**. Tradução, apresentação e notas: Jorge Bastos. 6° ed. Clássicos ZAHAR, 2013.

Referências

ALTMAN, Max. Hoje na História: 1905 - França adota lei de separação entre Igreja e Estado. OperaMundi: **UOL**. 2020. Disponível em: [https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-](https://operamundi.uol.com.br/hoje-na)

historia/25894/hoje-na-historia-1905-franca-adota-lei-de-separacao-entre-igreja-e-estado. Acesso em 31/12/2022.

BARBOSA, Sidney. O patrimônio arquitetônico francês, a modernidade e o romance *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo. **Revista Polifonia**, v.6, n. 06, 2003. Acesso em: 7 de abr. 2022.

BINSWANGER, Christoph Hans. *Dinheiro e magia*. Zahar; 1º edição. 2011.

Borges, P. D. V. R. (2014). História e Literatura: Algumas Considerações. *Rth /*, 3(1), 94–109. Recuperado de <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em 7 de abr. 2022.

BREFORE, Pinheiro C. E. De Victor Hugo a Walt Disney: Uma releitura de “O Corcunda de Notre-Dame”. **Travessias**, Cascavel, v. 3, n. 3, 2000. Acesso em: 7 abr. 2022.

CHARTIER, Roger. *Origens culturais da Revolução Francesa*. Editora Unesp, 2009.

DAWSON, Christopher. *A Divisão da Cristandade*, 2014.

FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História: O Exemplo de Victor Hugo*. **Língua e Literatura**, (15), 1986. Acesso em 7 de abr. 2022.

GALLO, Max. *Victor Hugo “Eu sou uma força que avança!” Tomo I: 1802-1843*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HARTMAN, Mary S. The Sacrilege Law of 1825 in France: A Study in Anticlericalism and Mythmaking. **The Journal of Modern History**. Vol. 44, n.1. 1972, p. 21-37.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. Ed. Paz & Terra, 2012.

HUGO, Victor. *O Corcunda de Notre Dame*. Tradução: Eduardo Brandão. 1º ed. Penguin Companhia, 2018.

HUNT, Lynn. *Revolução Francesa e Vida Privada*. *Apud* in Perrot, Michelle; Ariès, Philippe; Duby, Georges. *História da Vida Privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Companhia das Letras, 1991.

MORI, N. N. R. O Corcunda de Notre-Dame: grotesco, sublime e deficiência na idade média. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 34, p. 199–210, 2012. Acesso em: 7 abr. 2022.

SANTANA, Camila Jansen de Mello de; STANCIK, Marco Antonio. *História Contemporânea*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Biografia como gênero e problema”. In: **História Social**, n. 24, primeiro semestre de 2013, p. 51-73. Acesso em 7 de abr. 2022.

STAROBINSKI, Jean. *A literatura: O texto e seu intérprete*. p. 133-143, s.d.

VIEIRA, Otávio Santana. *O hermetismo como elemento fundamental do ocidente. Um paradoxo entre sua necessidade e rejeição*. Dissertação (Mestrado): UFPB/CE, 2016.

VOVELLE, Michel. *A Revolução Francesa Contra a Igreja: Da Razão ao Ser Supremo*, 1988.

ZUBER, Valentine. *A laicidade republicana em França ou os paradoxos de um processo histórico de laicização (séculos XVIII-XXI)*. **Ler História [En línea]**, 59. 2010.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway*. Tradução: Claudio Alves Marcondes. Prefácio de Alan Pauls. Companhia das Letras, 1ª ed., 2017.